



www.oa.pt



Rodolfo Bacelar Begonha,
General

Considerações sobre o terrorismo

Parecem justificadas as preocupações dos governos europeus e dos muçulmanos moderados pela possível escalada das acções dos radicais islâmicos. Por detrás encontra-se a arma Terrorismo, com um dos seus pilares fundamentais – o medo. Arma que é empregue por diferentes grupos políticos, com objectivos e métodos muito distintos.

Existem, obviamente, muitos pontos comuns aos diversos tipos de terrorismo, susceptíveis de apreciação e reflexão. Mas a ETA ou o IRA apresentam-se com características muito diferentes dos terroristas radicais islâmicos. Torna-se, por isso, indispensável estudar e apro-fundar as motivações, objectivos políticos e métodos de actuação de cada grupo que utiliza o terrorismo, para se lhe poder fazer face de forma inteligente e não precipitada, que pode levar a que se cometam erros graves.

Uma das questões de maior dificuldade de consenso é a que leva terroristas a serem considerados criminosos por uns e combatentes heróis por outros, normalmente quando reivindicam território e independência.

No caso da Al-Qaeda, esta organiza-se em rede a nível mundial, com claros objectivos políticos globais, procurando legitimidade numa inaceitável interpretação muito particular do ISLÃO.

POSSIBILIDADES E INTENÇÕES

O que parece ter interesse para uma grande parte das pessoas é saberem em que ponto estamos e o que se pode ou deve fazer no futuro.

O 11 de Setembro de 2001, que iniciou uma nova fase na história do terrorismo, veio evidenciar um desconhecimento ocidental sobre o mundo islâmico, especialmente quanto à força e evolução dos grupos radicais islâmicos, e ignorância sobre a natureza dos novos terroristas que chegaram a ser classificados como doentes mentais.

Um longo caminho foi percorrido desde então, mas precisamos de tentar saber o valor da ameaça que este terrorismo representa neste momento, porque uma das características do novo terrorismo dos radicais islâmicos foi a procura da maior letalidade possível indiscriminada. Em termos de possibilidades e intenções, verificamos, quanto às primeiras, que as melhorias nos transportes, comunicações, fundamentalmente a Internet e nas transferências bancárias, estão a ser muito bem aproveitadas pelos grupos terroristas. A Internet tem estado a ser crescentemente utilizada, essencialmente em três áreas: propaganda, proselitismo e doutrinação. Por outro lado, à medida que a tecnologia se desenvolve, como efeito perverso, vai colocando à disposição dos terroristas uma gama, cada vez maior e de mais fácil acesso, de meios que podem ser empregues para destruição de pessoas e instalações. E não está de modo algum afastada a hipótese de emprego de armas nucleares, radiológicas, químicas ou bacteriológicas.

Quanto às intenções, são bem patentes nas declarações de determinados chefes religiosos, que interpretam o Islão segundo as suas conveniências, e incentivam à violência e à morte dos infiéis. Numa curta entrevista, o Prof. Carvalho Rodrigues, já há tempo, dizia que o problema era de difícil resolução enquanto existissem indivíduos que consideram que a sua felicidade passa pela morte do seu vizinho.

RESPOSTA

O facto da situação internacional não ser animadora exige, em primeiro lugar, que não nos deixemos intimidar - precisamente um dos objectivos dos terroristas -, e em segundo lugar, um especial cuidado com as respostas que a situação requer.

Em Novembro de 2001 abordei a questão da Estratégia de resposta ao Terrorismo Internacional, contra quem os EUA se declararam em guerra, considerando a necessidade de uma série de manobras:

Externa;
de Intelligence;
de Investigação Criminal;
Contra o Crime Organizado;
de Segurança;
Económica e Financeira;
Psicológica;
de Política Interna;
Humanitária;
da Lei;
Militar(1).

Este simples enunciado evidencia, por um lado, a complexidade da matéria, e, por outro, uma grande exigência de coordenação. Mas a longo prazo não deixou de ser considerada a necessidade de estudo e avaliação das causas profundas motivadoras das acções dos fundamentalistas terroristas, e a “questão do desenvolvimento, visando a redução do fosso existente entre países ricos e países que não conseguem organizar-se, nem entrar num ritmo de crescimento económico regular e significativo”.

Daí para cá, temos de concordar que muito tem sido feito em todas as áreas citadas, no âmbito da luta anti-terrorista, incluindo decisões de toda a natureza, tomadas por Países e Organizações Internacionais. No entanto muito há para fazer.

A propósito das Informações do Exército, e em 1987, se declarava: “Exemplos recentes demonstram que o êxito da acção contra-terrorista passa pelo aperfeiçoamento do sistema de informações com a introdução de bancos de dados computadorizados, com centralização de informações provenientes de todas as fontes disponíveis, direcção unificada de esforço informativo contra o grupo terrorista alvo, o que significa avaliação contínua do mesmo” ((2).

Salienta-se, assim, o valor da prevenção e das informações, que aumentaram de importância e já conseguiram evitar muitas acções terroristas.

A QUESTÃO POLÍTICA

O caso dos cartoons dinamarqueses, que nesta data se desenrola, e o seu espectacular aproveitamento, permite aos radicais islâmicos e a alguns governos atingir de-terminados objectivos políticos.

A reacção dos grupos islâmicos, por vezes bastante violenta, devidamente orquestrada, vem colocar em causa a liberdade de expressão alcançada após prolongada evolução nas democracias europeias. Para uns, esta liberdade representa um valor central e estruturante das nossas sociedades democráticas. E por isso qualquer cedência representará uma fraqueza e capitulação da Europa.

Para outros, a liberdade contém em si o valor e o conceito de respeito pelo outro, portanto a publicação dos cartoons viola o direito de milhões de pessoas ofendidas nos seus sentimentos religiosos. Além disso, resultam consequências negativas desta acção, como seja a autêntica oferta à Al-Qaeda e a outros grupos radicais para novos recrutamentos e recolha de fundos, ao mesmo tempo que coloca dificuldades aos Islâmicos moderados.

O caso dos Versículos Satânicos de Salman Rushdie, no Reino Unido; o uso do véu nas escolas, em França; a criação do Parlamento Muçulmano por Kalim Siddiqui, ao lado do Parlamento de Westminster; as declarações de Kadafi, que qualificou a adesão da Turquia à União Europeia, como um cavalo de Tróia; muitas declarações de religiosos islâmicos apelando ao ódio, violência e assassinato; constituem evidente motivo de preocupação, mais a mais se lhe juntarmos a vitória do Hamas e as posições do Irão, com destaque para a questão nuclear. Não é de estranhar, por isso, uma reacção europeia, em que um ex-ministro britânico reconheceu que os "muçulmanos na sociedade Britânica não tinham evidentemente conseguido fundir aí a sua própria cultura e menos ainda a sua própria religião, e que o multiculturalismo lhe parecia estar a ter principalmente efeitos perversos". E um ex-ministro alemão considerou que a decisão relativa à imigração islâmica tinha sido um erro. Coloca-se, assim, em causa o multiculturalismo na União Europeia.

Mas também aparecem outras reacções merecedoras de atenção: "mais vale assumir esta espécie nova de conflito político, esta nova guerra de civilizações, porque é o que é, e proceder em consequência". (3)

E não deixa de ser curioso como o sistema “Millet”, otomano, foi considerado como a primeira sociedade plural da história e que agora “se está a abrir a porta a formas arcaizantes de cidadania diferenciada onde a pertença comunitária, étnica e religiosa corrompe a cidadania igualitária e universalista herdada das Revoluções Francesa e Americana” (4).

CONCLUSÃO

Em conclusão parece-me, como mera opinião pessoal, que: Não podemos nem devemos esquecer o 11 de Setembro e os atentados de Madrid e Londres, e temos que prosseguir com todo o empenhamento a luta anti-terrorista. Devemos evitar, quanto possível, entrar numa guerra de civilizações, o que é do interesse primário da Al-Qaeda. Devemos defender os valores democráticos europeus, com firmeza, sem nos deixarmos intimidar, procurando um equilíbrio entre liberdade e segurança, uma vez que os terroristas aproveitam muito bem a liberdade, fundamental nos países democráticos, e que lhes é concedida. A chamada recente de atenção para a ignorância, por parte do chefe religioso da comunidade Ismaelita, Aga-Khan, e a alusão a defeitos no ensino nas escolas europeias, por Muammar Kadafi, que esquece o que se passa em muitas madrassas, encaminha-nos de qualquer forma, para um estudo e acção muito cuidadosos sobre as relações com as diferentes comunidades islâmicas. Devemos apelar à grande capacidade europeia de inteligência e criatividade para definir e levar a cabo uma estratégia global cuidada relativamente às comunidades islâmicas, mantendo viva a esperança de alcançar relações amistosas sólidas e duráveis.

(1)Revista Militar (1987)

(2)Boletim da Ordem dos Advogados (Nov., Dez. 2001)

(3)Professor Pacheco Pereira – Revista Sábado (09/15 Fev. 06)

(4)Professor José Teixeira Fernandes – Expresso (11 Fev. 06)